FACULDADE UNILEYA

CÉSAR MAXIMIANO DUARTE

HUME E A ASSOCIAÇÃO ENTRE AS IDEIAS

BRASÍLIA/DF

2021

1. INTRODUÇÃO

A presente resenha crítica tem como escopo as ideias de David Hume, que foram, em sua essência, apresentadas ao mundo em sua obra *Tratado sobre a natureza humana*, grande obra, tanto qualitativa quanto quantitativamente, subdividida em três volumes, sendo os dois primeiros dedicados ao estudo do entendimento e das paixões, e o terceiro dedicado ao estudo da moral.

Imerso em um caldo filosófico-cultural de transição, Hume foi um dos autores que construiu a ponte entre as filosofias da metafísica e a filosofia materialista, vendo-se a si mesmo como alguém fazendo à filosofia o que Newton fizera na física, pois aplicava o método experimental aos temas morais.

Todavia, as presentes linhas não se prestam a fazer apenas uma revisão histórico-filosófica, senão pensar em que medida a filosofia das ideias de Hume reverberou até os dias atuais, em uma busca por desdobramentos filosóficos e científicos da atualidade.

Para tanto, o método de desenvolvimento será o de trazer um pano de fundo histórico e filosófico acerca do autor, buscando-se, a partir daí, algum tipo de relação com fatos e pensamentos da atualidade.

2. O HUME HISTÓRICO¹

David Hume nasceu em 1711, no berço de uma nobre família escocesa. Por ser filho mais novo de uma mãe viúva, viu-se obrigado a emancipar-se. Deste modo, entre os 12 e os 14 anos de idade, estudou literatura e filosofia na Universidade de Edimburgo. Hume tinha planos de exercer alguma profissão no campo do direito, todavia, a paixão pela filosofia lhe tomou, de modo que tudo o que não fosse busca filosófica e pelo conhecimento geral causava-lhe aversão.

Hume tentou ainda uma carreira comercial em uma empresa de Bristol, mas em poucos meses restou-lhe claro que não havia nascido para o mundo dos negócios. Apaixonado pela filosofia, decidiu viver de modo frugal com a sua pequena herança, mudando-se para o interior da França. Entre 1734 e 1737, ele viveu em La Flèche, onde escreveu sua primeira obra, um longo *Tratado sobre a natureza humana*.

Todavia, no retorno para a Inglaterra, Hume deparou-se com grande dificuldade em ver seu livro publicado. Segundo ele, “*jámais uma empreitada literária foi tão desafortunada (...), já saiu ‘natimorto’ da impressora*”. Somente após sua morte é que tal obra atingiu imensa fama.

Dada a inaceitabilidade de seu *Tratado*, Hume acreditou que o problema da obra não estava em seu conteúdo, mas sim em sua forma. E assim reescreveu, em linguagem popular, seu conteúdo: em 1748 ele publicou *Uma investigação concernente ao entendimento humano*, referente à primeira parte do *Tratado*; e em 1751 ele publicou *Uma investigação concernente aos princípios da moral*, uma versão resumida e revisada da terceira parte do *Tratado*.

No ano de 1745, Hume conseguiu o cargo de tutor do jovem marquês de Annandale. Dada a conexão com o general St. Clair, serviu em uma expedição naval à Bretanha durante a guerra de sucessão austríaca.

No ano de 1751, Hume foi nomeado bibliotecário da Faculdade dos Advogados em Edimburgo, década esta em que suas obras filosóficas começaram a vender bem, e, assim, a adquirir certa fama no meio acadêmico.

Em 1763, Hume tornou-se secretário do embaixador britânico em Paris, e, num período de seis meses, assumiu as funções de *charge d'affaires* (encarregado de negócios). Em seu retorno à Bretanha, levou consigo o filósofo suíço Jean Jacques Rousseau, por conta de perseguições políticas que tal filósofo amargava no continente europeu. Todavia, o difícil

¹ Os dados deste tópico foram extraídos, em sua integralidade, de VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume III: o despertar da filosofia moderna**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 102-109.

temperamento de Rousseau não se compatibilizou com os esforços de Hume em lhe receber, e, no ano de 1767, ambos romperam relações.

Hume aposentou-se em Edimburgo, local onde viveu até sua morte, no ano de 1776. Conforme registros, este empirista, que muitas vezes se colocou diretamente contrário às crenças religiosas, mormente as relacionadas a milagres, teve uma morte serena, recusando, sempre os consolos ofertados pela religião.

Esta é, portanto, a breve história do homem que concebeu grandes reflexões filosóficas acerca das ideias e dos sentimentos, as quais passaremos a abordar a partir de agora.

3. OS PENSAMENTOS DE HUME

3.1. As percepções

Como já dito, David Hume deu à luz as suas mais densas ideias em um único *Tratado*, dividido em três tomos. Os dois primeiros, que tratam de como o entendimento e as paixões funcionam, remetem invariavelmente ao terceiro, onde ele constrói uma moral totalmente avessa à moral pretendida pelos racionalistas.

Para começar, mister reafirmar que, por ser um empirista, David Hume entendia que não há, no ser humano, qualquer preconceção; que não há um arquétipo preexistente e comum a todos, o qual é acessado por algumas mentes; que não há um mundo das ideias universais. Portanto, para Hume, tudo deriva da experiência: as sensações (os sentidos humanos) são as responsáveis pela existência das ideias, e, além delas, das paixões.

Para começar, Hume chama os conteúdos da mente de **percepções**, dividindo-as em duas classes: impressões e ideias. As impressões têm um caráter mais assertivo, pois derivam diretamente da experiência em si, de modo que, por óbvio, são mais vívidas que as ideias. As impressões incluem sensações e emoções. As ideias, por seu turno, são percepções envolvidas no pensamento e no raciocínio, sendo caracterizadas por sua secundariedade, sendo mero corolário, ou um subproduto, das impressões².

Resta claro que a diferença entre impressões e ideias não é intensiva, mas sim qualitativa, uma vez que diz respeito às variações de intensidade ou aos respectivos graus de vividez e força atribuídas a cada um dos dois tipos de percepção. As impressões são mais vívidas, penetrando, destarte, de modo mais violento em nosso pensamento, apresentando-se de modo extremamente impositivo à nossa alma, sendo denominadas, portanto, de sensações e paixões. Já as ideias são fruto da operação do intelecto, e se nos apresentam como imagens “*embaciadas e mortças*” das impressões, pois estão destas distanciadas no espaço e no tempo³.

Ideias e impressões diferenciam-se por duas coisas: a primeira, há pouco abordada, é na intensidade que se nos apresenta; a segunda é no meio de sua produção. Enquanto as impressões são produzidas pelos sentidos humanos, as ideias são produzidas pela atividade intelectual, pela capacidade de abstração humana. A natureza de ambas, contudo, é a mesma: a experiência, o contato entre sujeito e objeto.

² *Idem*, p. 105.

³ VALADARES, Alexandre Arbex. **A teoria da causalidade imaginária na filosofia de Hume**. Belo Horizonte: Kriterion, 2009. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 30/04/2021.

3.2. O tempo, a causalidade e a associação de ideias

Após apresentar o conceito de percepção, Hume dá um passo além, acrescentando a tal fórmula a questão espaço-temporal. E assim ele traz à baila o conceito de causalidade.

Para Hume, todo e qualquer conhecimento que ultrapassa as imediatas entregas dos sentidos é tributário das noções de causa e efeito. Graças a essas abstrações, irrealis portanto, é que descobrimos o que aconteceu no passado e conseguimos conjecturar sobre o que acontecerá no futuro⁴.

Essa ideia de causalidade não surge de qualquer qualidade inerente ao objeto, uma vez que objetos dos mais diversos tipos podem ser causas e efeito, inclusive ao mesmo tempo. O que se deve buscar, portanto, é a relação entre os objetos, descortinando-se assim causas e efeitos contíguos entre si⁵. Esta é a **associação de ideias**, ou seja, o instituto de objetos constantemente unidos, que traz a ideia da relação entre causa e efeito, mas que não traduz uma conclusão do entendimento, mas tão somente uma percepção reavivada na mente, que surge por numerosos exemplos semelhantes, trazidos pela via da experiência⁶.

Se o Sol nasceu e se pôs ontem, antes de ontem, e antes de antes de ontem, crio em mim a certeza de que ele nascerá e se porá hoje também. Percebe-se que a relação de causa e efeito, que surge de uma associação de ideias, nada mais é que uma elaborada conjectura humana, não representando, de modo integral, a realidade.

É assim que Hume conclui que **não é nossa inferência que depende da relação necessária entre causa e efeito, mas sim essa relação entre causa e efeito que é dependente da inferência do sujeito**, pois nossa crença em uma relação necessária não é uma questão de raciocínio, mas sim de costume (*fides versus ratio – fé versus crença*)⁷. A ação é considerada necessária somente do ponto de vista de quem, inferindo por observação uma intenção causal, relaciona o ato ao motivo⁸.

⁴ In Villey, *op. cit.*, p. 105.

⁵ *Idem.*

⁶ Cf. Valadares, *op. cit.*

⁷ In Villey, *op. cit.*, p. 106.

⁸ Cf. Valadares, *op. cit.*

3.3. As paixões e emoções

O segundo livro do *Tratado* examina as paixões e as emoções. O tema perfaz-se necessário porque o princípio da associação de ideias não é capaz de explicar por que uma dada impressão evoca uma dada ideia. Em outros termos, a associação da imaginação explica seu modo de operar com as ideias, mas não é capaz de explicar o conteúdo qualitativo das ideias associadas, tampouco o critério de semelhança que as relaciona. E, segundo Hume, o único princípio capaz de justificar os conteúdos singulares do pensamento é a **afetividade**⁹.

Relembremos que, para Hume, as percepções dividem-se em impressões e ideias. O filósofo divide ainda as impressões em **originais e secundárias**: as impressões sensoriais, dores físicas e prazeres são as impressões originais, e as secundárias são as denominadas paixões.

Para Hume, então, as paixões são um tipo especial de impressão. As paixões individuais, a exemplo do orgulho e da humildade, do amor e do ódio, são vistas, por Hume, como confluentes à razão. Para ele, o histórico conflito entre paixão e razão não passa de um mito metafísico.

Hume apregoa que a razão em si é incapaz de produzir qualquer ação, de modo que todo e qualquer comportamento voluntário é motivado pela paixão. E, assim, a paixão não pode jamais ser superada pela razão, mas única e exclusivamente por uma paixão oposta, ou, ao menos, diferente.

Assim, não há outro meio, conforme Hume, de explicar a questão acerca da paixão e da razão: “a razão é e deve somente ser a escrava das paixões, e não pode jamais aspirar a qualquer outra função que a de servir e obedecer” (T II, 3.3.). Se tomarmos como exemplo o amor conjugal entre duas pessoas, temos que o amor racional surge como uma tentativa de justificativa à paixão sexual, que brota natural e instintivamente no ser humano. O amor dito “platônico” seria, então, mera desculpa para o impulso puramente sexual que invade o ser humano.

Esta mudança de paradigma ocasiona uma reforma estrutural no sistema ético proposto por David Hume.

⁹ *Idem.*

3.4. A ética em Hume

Haja vista o pressuposto de a razão ser escrava das paixões, o sistema ético de Hume apresenta-se de forma bem distinta, apontando, de certo modo, para o egocentrismo, e, pela via da consequência, para o relativismo que impregna a sociedade moderna. Conforme Hume, “*não é contrário à razão eu preferir a destruição do mundo inteiro a um arranhão em meu dedo*” (T, I.2.2.3.6)¹⁰.

Se a razão não impulsiona o ser humano a agir, os julgamentos morais não podem ser o produto da razão, dado que o único objetivo desses julgamentos é o de guiar a conduta do ser humano. A razão, de fato, liga-se às relações de ideias ou às certezas. Todavia, segundo Hume, nenhuma dessas é capaz de conduzir à ação, pois somente as paixões animam o ser humano, impulsionando-o suficientemente ao agir. A razão, *a posteriori* que é, não é capaz de causar animação (movimento), tampouco é o nascedouro das paixões. A razão só tem forças para determinar a viabilidade dos objetos buscados pelas paixões, bem como determinar os melhores meios de atingi-los¹¹. A paixão é, ao mesmo tempo, o norte e o combustível; o corpo é o veículo; e a razão é quem o dirige, mas sem a capacidade de escolher o ponto de chegada, já traçado pela paixão.

Este é o solo em que Hume constrói a base de seu moralismo, totalmente alheio aos sistemas morais já conhecidos. Segundo ele:

Em todo sistema moral com que me deparei até agora, sempre percebi que o autor procede por algum tempo pelo modo comum de raciocinar, e estabelece a existência de um Deus, ou faz observações a respeito dos comportamentos humanos; então, de repente, sou surpreendido ao descobrir que, em vez das usuais cópulas de proposições *é* e *não é*, não encontro nenhuma proposição que não seja conectada com um *deve* ou *não deve*. A mudança é imperceptível, mas tem implicações definitivas (T III.1.1).

É a partir desse raciocínio que Hume estabelece que as distinções entre bem e mal, ou entre certo e errado, não são resultantes da razão, pois um *deve* não pode derivar de um *é*. “Isso *deve* ser certo” não resulta de um “isso *é* certo”. Mas se bem e mal não derivam da razão, de onde derivam?

¹⁰ HUME, David *apud* CAMPELO, Wendel de H. P. **Razão e sentimento no livro I do Tratado de David Hume: uma leitura cética acadêmica.** Belo Horizonte: UFMG, 2018. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BAHP5E/1/tese.final.ceticismo.pdf>>. Acesso em 30/04/2021.

¹¹ Villey, *op. cit.*

Segundo Hume, o conceito de bem e mal deriva de um **sentido moral**, e, por ser um sentido, nada mais é que mais uma **paixão**, que, por seu turno, tem como fonte o sentimento de simpatia pelos outros¹².

A partir disso, Hume discute outras concepções, como as de justiça e injustiça. Para ele, a justiça é aprovada porque tende ao benefício público, e o benefício público nos é indiferente, salvo quando somos simpáticos a ele. Para Hume, então, a virtude não é fonte, tampouco um fim em si mesma:

A virtude é considerada um meio para um fim. Meios para fins são valorizados apenas se o fim é valorizado. Mas a felicidade dos estranhos nos afeta somente por simpatia (T III.3.6).

Deste modo, o fim é a satisfação da paixão, e a virtude pode ser aplicada para se atingir tal intento. Se uma paixão é refreada por alguma coisa, não o é pela virtude, pela razão, mas sim por outra paixão que se apresenta oposta, e que, no combate de tais forças, acaba subjugando a primeira. A razão, em um segundo momento (e por isso é considerada *a posteriori*), constrói a virtude, tanto para atingir a paixão vencedora quanto para justificá-la.

O indivíduo que pratica adultério teve com vencida a paixão da figura do indivíduo probo, e como vencedora a paixão de satisfazer sua lascívia, e vice-versa. Aquele que pratica adultério racionalizará suas ações, que podem se embasar nas mais variadas premissas, como por exemplo o descontentamento com atitudes do cônjuge, o encontro de um verdadeiro amor ou até mesmo a escusa de ser um animal, e a bigamia ser, em grande medida, algo natural dentre os animais sexuais do planeta. Já aquele que, diante da vontade de praticar adultério, opta em manter seu compromisso marital de fidelidade, embasa sua não ação igualmente nas mais variadas premissas, como a importância da palavra, a empatia com o cônjuge e o amor para com a família. Em qualquer dos casos, segundo Hume, o que há é, sempre, uma paixão vencedora.

¹² *Idem*, p. 107.

4. OS DESDOBRAMENTOS DA TEORIA DE HUME

4.1. Teoria social possível

Como visto, David Hume foi mais um dos empiristas que trouxe ao mundo da filosofia a ideia de que a formação interna do indivíduo é fruto da experiência, captada pelas sensações. Deste modo, o ser humano (mas não só ele) seria um amálgama de suas experiências, tanto pretéritas quanto presentes.

A mente de um *sapiens*, por exemplo, não é capaz de conceber o mundo subjetivo de um morcego. Através da ciência, somos capazes de descrever toda a estrutura corporal do indigitado animal, mas, por mais que se explique, qualquer ser humano jamais saberá como é localizar um outro animal através de sentidos outros que não a visão, a audição e o tato. É bem provável, assim, que as emoções do morcego também sejam influenciadas pela centralidade de seu senso de ecolocalização¹³.

É igualmente inegável que as experiências que o mundo nos oferece são totalmente dependentes do tipo de cultura na qual estamos inseridos. Deste modo, os caçadores-coletores tinham experiências que os samurais de Kamakura não tiveram, e ambos tiveram experiências que nós, personagens de um mundo industrializado e democrática jamais teremos.

Extremada a filosofia de Hume, pode-se afirmar que as experiências do caçador-coletor de cinquenta mil anos atrás moldaram um tipo específico de ser. Por mais que tentemos compreender como aqueles indivíduos pensavam e sentiam, somente quem viveu aquelas experiências, ou experiências semelhantes, seria capaz de compreender com maior critério um dos seus.

Hodiernamente, com acentuação nos países subdesenvolvidos, há uma divisão, expressa ou tácita, de classes sociais. O Brasil é um desses exemplos. Deste modo e conforme as teses de Hume, um indivíduo de baixíssima renda experimenta um mundo totalmente diferente do de um indivíduo da classe média-alta, por exemplo. Assim, a formação não só intelectual como ideal é diferente entre esses dois indivíduos, em que pese pertencerem, em tese, a um mesmo povo (o povo brasileiro).

Essa distinção torna-se evidente quando, por exemplo, um juiz de direito, ao julgar um jovem traficante de dezoito anos, réu primário, já casado e com um filho doente, condena-o a

¹³ NAGEL, Thomas. **What Is It Like to Be a Bat?**. Durhan: The Philosophical Review. Vol. 83. Nº 4, 1974., p. 438.

uma pena-base superior à mínima, usando como escusa o fato de o réu, por receber os seiscentos reais de auxílio emergencial do governo, “*não ter apresentado motivos plausíveis para o cometimento do delito*”.

Em verdade, um indivíduo que recebe cerca de quarenta mil reais por mês, e que teve uma vida digna, jamais conseguirá entender os motivos que levaram o indivíduo que, com seiscentos reais, tinha que pagar aluguel e demais despesas da casa, e ainda comprar remédios de custo intermediário para o filho recém-nascido cardiopata.

Segundo Hume, as experiências moldam as ideias e sentimentos. Por tal motivo, querer que um juiz de direito entenda um miserável é o mesmo que querer que uma toupeira cega explique a sensação diante de um quaro de Caravaggio.

4.2. Os espectros da consciência

Como mencionado a pouco, é grande a probabilidade de que exista uma variedade infinita de estados mentais na natureza. Estes estados mentais, conforme Hume, dependem das faculdades sensitivas dos seres.

O Exército dos Estados Unidos desenvolveu um objeto chamado “capacete da atenção”¹⁴, que, hoje, já é fabricado para venda a pessoas que sofrem de déficit de atenção. O dispositivo é colocado na parte superior da cabeça, e envia cargas elétricas a regiões específicas do cérebro relacionadas com o transtorno de déficit de atenção¹⁵.

O que se descobriu durante os testes com os militares foi que tal capacete era capaz de ofertar uma concentração fora do comum às pessoas. No entanto, reduzia igualmente a capacidade de a pessoa demonstrar empatia e de tolerar dúvidas e conflitos internos.

Em verdade, o que este capacete faz é reduzir o grau de abstração, fazendo com que o cérebro foque nas sensações presentes, tomando, assim, decisões rápidas, sem grandes digressões. As ondas eletromagnéticas são capazes de fazer o cérebro produzir menos ideias, pois estimula a área da sensibilidade.

Conforme descreve Harari em sua obra, psicólogos humanistas apontam que pessoas angustiadas não querem uma melhora rápida, mas sim que alguém as ouça e demonstre simpatia para com seus problemas. No exemplo do autor, pede-se para imaginar que você é uma pessoa

¹⁴ HARARI, Y. N. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Cia das Letras, 2016. p. 365.

¹⁵ **Empresa israelense desenvolve capacete capaz de reduzir déficit de atenção**. Publicação de 13 de agosto de 2019. Disponível em < <https://panoramafarmaceutico.com.br/2019/08/13/empresa-israelense-desenvolve-capacete-capaz-de-reduzir-deficit-de-atencao/>>. Acesso em 30/04/2021.

que trabalha em um local onde o chefe não aprecia suas opiniões e insiste em que tudo seja feito do jeito dele. Depois de um dia especialmente feliz, você sai do trabalho e liga para um amigo, só que esse amigo está sem tempo e impaciente. Ele o ouve brevemente e então lhe diz: “entendi. Abandone o emprego, ou então fique e faça o que seu chefe quer”¹⁶. O “capacete da atenção” faz o cérebro de quem o usa funcionar, em certa medida, como o descrito amigo impaciente.

Em extrema oposição ao capacete, há drogas que sabidamente são capazes de proporcionar o sentido inverso, a exemplo da *cannabis sativa*: quem utiliza a erva, descreve que as ideias, emoções e paixões afloram, em detrimento dos sentidos momentâneos.

Portanto, é forçoso concluir que um único cérebro é capaz de acessar diferentes estados mentais. No contexto humano, existe um estado mental médio, que é chamado de *Weird* (iniciais de *Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic* – Ocidental, Educado, Industrializado, Rico e Democrático, respectivamente). A maioria dos estudos de psicologia do mundo foram feitos com população *weird*, ujas características são aquelas geradas pelo impacto da revolução humanista ante a cultura ocidental: perda da fé e do interesse em estados mentais diferentes, com a **santificação das experiências mundanas do sujeito comum**¹⁷, fruto, dentre outros, de Hume.

Para a cultura ocidental, que se limitou à teoria da sensibilidade, todos aqueles que buscam experimentar estados mentais extraordinários – leia-se aqui extraordinário como “fora da caixa *weird*” – são taxados de viciados, doentes mentais ou charlatões. São poucos os estudos sérios, por exemplo, de monges budistas ou sufis místicos em estado meditativo¹⁸.

Neste aspecto, portanto, a filosofia de Hume funcionou como um limitador do conhecimento humano, pois, uma vez que caracteriza a natureza de todo e qualquer pensamento como sendo experiencial, induz a própria ciência da psicologia a focar somente em certo espectro da consciência, qual seja as poucas variações existentes dentro do estado mental *Weird*. Todavia, para além destas variações, há estados mentais dos humanos que se diferem da cultura ocidental, os estados mentais de animais, bem como todos os estados mentais possíveis.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ *Ibidem*, p. 359.

¹⁸ SHANON, Benny. **Antipodes of the Mind: Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

4.3. Tecno-humanismo: a ampliação da “consciência segundo Hume”

A teoria humeana, segundo qual a consciência é originada pela via da experiência, foi uma das grandes bases para a revolução humanista que eclodiu no séc. XX. Ante a ausência de conceitos universais, a verdade tornou-se relativa, surgindo, do dia para a noite, tantas verdades quantos seres humanos existentes no planeta (e, eventualmente, fora dele).

A filosofia da incerteza tomou grande vulto, engolindo religião, família, escola, sistemas jurídicos e até a ciência, como bem se vê na Teoria da Relatividade, praticamente contemporânea da eclosão humanista.

Com a revolução tecnológica do século passado, que perdura até os dias atuais, estamos vendo surgir uma nova modalidade de humanismo: o **tecno-humanismo**. Assim como todas as seitas de matriz humanista, o tecno-humanismo também santifica a vontade humana, e vê nela o prego no qual o Universo inteiro está pendurado. Essa nova filosofia espera que nossas vontades escolham quais aptidões mentais desenvolver, e, com isso, determinar o formato de mentes futuras. A pergunta que resta é a seguinte: o que virá depois de possíveis reformatações e reconfigurações dos próprios desejos que alimentamos?¹⁹

Como não há resposta a tal pergunta, é prudente focar em como as teses humeanas funcionam como base para essa revolução.

Dado que nossa voz interior é, segundo Hume, nada mais que o produto da nossa razão, secundária em relação às experiências sensoriais experimentadas, é de fácil compreensão então que nossa razão, a nossa voz interior, pode ser controlada através das experiências sensoriais experimentadas. Assim, o progresso tecnológico trazido pelo tecno-humanismo não tem a agenda de ouvir a razão, mas sim de controlá-la. Se compreendermos o sistema bioquímico que produz as vozes, poderemos controlar a razão até mesmo sem experiências²⁰.

Deste modo, a paixão, ou seja, os nossos desejos, que, segundo Hume, são o que anima o mundo, tornar-se-iam somente mais um produto, desenvolvido por um arquiteto de sentimentos: Ritalina aos perturbados, Cipralex aos insatisfeitos, e assim por diante.

Enquanto houver a crença de que a vontade humana, que pode advir da experiência ou não, é sagradamente bastante em si mesma, a humanidade estará a salvo do rompimento do indivíduo consigo mesmo.

¹⁹ HARARI, *op. cit.*, p. 366.

²⁰ *Idem*, p. 367.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou os aspectos históricos e filosóficos do empirista David Hume, para o qual a razão e as paixões são produtos da experiência humana, que se dá através da sensibilidade.

Como visto, Hume foi mais um dos pensadores de uma época em que a filosofia construía uma ponte entre a metafísica e o materialismo. Os empiristas refutaram os racionalistas apenas no que toca à origem das ideias, tornando o ambiente filosófico propício ao nascimento das filosofias modernas, que, de fato, despertaram daí em diante.

Passo seguinte, este trabalho debruçou-se nos espectros da consciência, logrando êxito em demonstrar que, se a teoria da sensibilidade de Hume guarda razão, os diferentes estados da consciência são capazes de balizar a sociedade em dado contexto histórico. Ao mesmo tempo, a teoria humeana também explica as deficiências cognitivas que um indivíduo tem em compreender e sentir realidades que se distinguem da sua (apatia).

Por fim, como num plano cartesiano, onde há dois pontos, quais sejam o passado e o presente, este trabalho procurou traçar uma reta, aventurando-se no campo de um possível porvir: o tecno-humanismo e suas consequências.

A conclusão, um pouco extremada, é a de que o ser humano pode estar sufocando a si mesmo. E esta é uma conclusão que se chega observando-se a evolução histórica do pensamento: Platão inaugurou a teoria das ideias, concretizando a metafísica como um forte ramo da filosofia. Com o tempo, a ideia da existência de um arquétipo ideal foi deixada de lado, partindo-se do pressuposto de que aquilo que é intangível no ser humano deriva de sua experiência com o mundo externo. O corolário lógico disso é a relativização da verdade, o que inarredavelmente leva a muitos conflitos intersubjetivos. Os conflitos causam os mais diversos sofrimentos, que podem ser remediados pela tecnologia.

Assim, este olhar holístico acaba por detectar que a derrocada das filosofias racionalistas, universalistas, tem como produto o sofrimento humano. E a humanidade, reticente ou inconscientemente, nega-se a volver para a compreensão anterior, e igualmente não consegue desenvolver um pensamento que transcenda o atual. A humanidade escolhe literalmente remediar os efeitos, que são o sofrimento humano, no lugar de combater a sua causa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Empresa israelense desenvolve capacete capaz de reduzir déficit de atenção. Publicação de 13 de agosto de 2019. Disponível em <<https://panoramafarmaceutico.com.br/2019/08/13/empresa-israelense-desenvolve-capacete-capaz-de-reduzir-deficit-de-atencao/>>. Acesso em 30/04/2021.

HARARI, Y. N. ***Homo Deus: uma breve história do amanhã.*** São Paulo: Cia das Letras, 2016. p. 365.

HUME, David *apud* CAMPELO, Wendel de H. P. **Razão e sentimento no livro I do Tratado de Davido Hume: uma leitura cética acadêmica.** Belo Horizonte: UFMG, 2018. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BAHP5E/1/tese.final.ceticismo.pdf>>. Acesso em 30/04/2021.

NAGEL, Thomas. **What Is It Like to Be a Bat?**. Durhan: The Philosophical Review. Vol. 83. Nº 4, 1974., p. 438.

SHANON, Benny. **Antipodes of the Mind: Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience.** Oxford: Oxford University Press, 2002.

VALADARES, Alexandre Arbex. **A teoria da causalidade imaginária na filosofia de Hume.** Belo Horizonte: Kriterion, 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 30/04/2021.

VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume III: o despertar da filosofia moderna.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 102-109.